

BOLSAS	BOVESPA	A-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quarta (em %) + 2,26 São Paulo + 0,74 Nova York	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos) 41.757 41.970 24/11 27/11 28/11 29/11	Título da dívida externa brasileira na quarta-feira (em R\$) US\$ 1,113 (▲ 0,13%) 2,169 (▼ 0,87%)	Últimas cotações (em R\$) 22/novembro 2,16 23/novembro 2,16 24/novembro 2,17 27/novembro 2,19 28/novembro 2,18	Turismo, venda (em R\$) na quarta-feira 2,851 (▼ 1,11%)	Na BM&F, o grama (em R\$) R\$ 45,500 (Estável)	Prefeitado, 30 dias (em % ao ano) 13,21%	IPCA do IBGE (em %) Junho/2006 -0,21 Julho/2006 0,19 Agosto/2006 0,05 Setembro/2006 0,21 Outubro/2006 0,33

## POLÍTICA MONETÁRIA

Analistas acreditam que redução de juros deve continuar no próximo ano, mas em níveis menores. Copom baixou a Selic pela 12ª vez consecutiva, sendo que quatro de 0,5 ponto percentual

# Fôlego cai em 2007

EDNA SIMÃO  
DA EQUIPE DO CORREIO

**S**em causar surpresas, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) decidiu, na última reunião de 2006, reduzir 0,5 ponto percentual (pp) a taxa básica de juros (Selic) do país, que passou de 13,75% para 13,25% ao ano. Essa é a 12ª redução consecutiva — a menor taxa registrada desde implementação do regime de metas de inflação em 1999 — mas continua sendo a mais alta do mundo. Para o próximo ano, a perspectiva é de continuidade dos cortes, porém, num ritmo menor, de 0,25 ponto percentual. Depois de mais de três horas de discussão, a decisão mostrou que existe um racha na equipe — cinco diretores votaram a favor da redução de 0,5 pp e outros três, por 0,25 pp —, o que não acontecia desde a reunião de março.

A queda dos juros foi justificada, sem maiores detalhes, pela análise do cenário macroeconômico e as expectativas da inflação. "Avaliando o cenário macroeconômico e as perspectivas para a inflação, o Copom decidiu reduzir a taxa Selic para 13,25% ao ano", informaram os diretores do BC por meio de nota. Boa parte do mercado já apostava nessa redução porque a economia brasileira, apesar de ter contado com o estímulo de uma forte baixa dos juros, ainda não está aquecida o suficiente para pressionar os preços. Segundo o gerente de renda fixa do Banco Prosper, Carlos Cintra, havia espaço para esta diminuição porque a perspectiva é de que o PIB do terceiro trimestre venha muito baixo, uma variação de 0,4% a 0,5%. Além disso, a divulgação da segunda prévia do Índice Geral de Preços — Mercado (IGP-M), que ficou em 0,75%, mostra que o impacto dos preços dos alimentos agropecuários (milho, trigo e

soja) começa a diminuir. Para janeiro, a expectativa é de que corte de apenas 0,25 pp porque os diretores do BC — após realizarem quatro cortes consecutivos de 0,5 pp — devem aguardar para ver o efeito que as sucessivas reduções nos juros — iniciadas em setembro de 2005 (19,75% ao ano) — terá sob a inflação. "Naturalmente, o BC vai baixar os juros um pouco mais devagar em 2007. Minha projeção é de que os juros encerrem o próximo ano em 12%. Mas é difícil fazer previsões porque ninguém sabe como será a composição do próximo governo e o que será feito do lado fiscal", explicou Cintra. Para a eco-

nomista do ABN Amro Bank, Zeina Latif, a diminuição de 0,5 pp é consequência da melhora do "balanço de risco", ou seja, a transmissão do aumento da inflação dos preços dos produtos alimentícios não contaminaram as estimativas para o próximo ano, que está dentro das metas. "Mas o processo de desinflação está perdendo o fôlego. É razoável o BC ir mais devagar na redução dos juros", ressaltou Zeina.

Para o vice-presidente da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade, Miguel José Ribeiro de Oliveira, a queda de 0,5 pp não traz impacto relevante

### QUEDA GRADUAL



### Sector produtivo

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, ressaltou que a queda de 0,5 pp da taxa de juros "é o mínimo admissível", considerando o atual ambiente macroeconômico e a ausência de pressões inflacionárias. "É lamentável que a taxa de juros real seja muito elevada, algo em torno de 9% ao ano, o que nos coloca em uma posição de desvantagem em relação às taxas de países com os quais os concorremos no mercado internacional", afirmou. Já o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf, reformulou que a taxa de juros do Brasil recuou para 13,25% ao ano mas continua sendo a mais alta mundo. "Isso inviabiliza a retomada do crescimento sustentado da economia já no início de 2007 como anseiam os brasileiros", frisa, acrescentando que está faltando visão histórica e geopolítica, inclusive de curto prazo, dos diretores do BC.

O presidente da Associação Brasileira da Infra-estrutura e Indústria de Base (Abdib), Paulo Godoy, acrescentou que ainda há margem considerável para diminuição dos juros no país, que independe de corte de gastos. "Não estamos solicitando medidas mágicas ou irresponsáveis, mas um pouco mais de consonância com a necessidade de crescimento com o devido controle da inflação", disse. O presidente do Sindicato das Financeiras do Estado do Rio de Janeiro (Secif-RJ), José Arthur Assunção, acredita que o Copom continuará diminuindo os juros nas próximas reuniões. "A meta de inflação deste ano vai ser conseguida com folga pelo BC e todas as expectativas do mercado apontam para novo sucesso em 2007. Em contrapartida, as projeções do PIB seguem diminuindo a cada semana e tudo leva a crer que dificilmente chegará aos 3%."